

Estudo preliminar da produção e recepção de um vídeo sobre consequências do movimento antivacinas por alunos do Ensino Médio

Luciana Ferrari Espíndola Cabral¹

Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho²

Marcus Vinicius Pereira³

Américo de Araujo Pastor Júnior⁴

Luiz Alberto de Souza Filho⁵

Resumo: Realizamos um estudo sobre produção e a recepção de um vídeo sobre o “Movimento antivacina e suas consequências” por alunos do ensino médio. Identificamos aspectos do endereçamento e o significado preferencial do vídeo, e buscamos observar a possível identificação dos espectadores com as personagens, assim como suas posições de leitura. Entendemos que os espectadores realizaram uma leitura dominante da obra e que houve um endereçamento direcionado a um grupo jovem e feminino, mas isso não significou a exclusão dos demais grupos presentes na amostra.

Palavras chave: produção e recepção de vídeos, endereçamento, ensino de Biologia, vacina

1 Doutoranda do Curso de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Professora EBTT do CEFET-RJ, luciana.cabral@cefet-rj.br ;

2 Doutor pelo Curso de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Professor do PPG ECS-NUTES/UFRJ luizrezende@ufrj.br ;

3 Doutor pelo Curso de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Professor do Propec/IFRJ e do PPG ECS-NUTES/UFRJ marcus.pereira@ifrj.edu.br ;

4 Doutor pelo Curso de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ ameri-copastor@nupem.ufrj.br;

5 Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bioluizalberto@gmail.com

Introdução

Os estudos de recepção de vídeos produzidos por alunos podem trazer conhecimentos sobre especificidades do processo de ensino-aprendizagem com o uso de audiovisuais ao identificar dinâmicas existentes entre a apropriação e a resistência dos estudantes em relação ao material produzido (PEREIRA, REZENDE FILHO e PASTOR JÚNIOR, 2014). As experiências sociais, estéticas e culturais adquiridas fora (e dentro) do ambiente escolar podem, segundo Bastos (2014) e Pereira (2013), interferir nos processos de leitura dos vídeos, cabendo ao aluno aderir ou resistir ao que assiste.

Estimulamos a produção de um vídeo sobre um tema sociocientífico. Temas dessa natureza apresentam ligações conceituais com a ciência, e, em geral, correspondem a problemas em aberto, podendo ser diversas as soluções propostas baseadas em princípios científicos. Porém, fatores sociopolíticos, econômicos e éticos podem influenciar as decisões (GALVÃO e ALMEIDA, 2013).

Esperando contribuir para que a estratégia de produção e recepção de vídeos na escola seja melhor compreendida, apresentamos uma pesquisa, no âmbito do ensino de Biologia, sobre diferentes aspectos que o aluno/produtor evoca para a formulação de uma narrativa que dê conta tanto da apresentação de um determinado conteúdo curricular, quanto da captação da atenção do público para o qual essa produção foi endereçada. Como os alunos constroem o endereçamento desse vídeo para um público amplo? Que grupos ou identidades são incluídos ou excluídos dessa construção? Eles conseguem se adaptar ou rejeitam a mensagem?

Fundamentação Teórica

Desde os anos 1980, vários autores têm se dedicado a entender os processos da recepção fílmica, sendo o espectador, após décadas, encarado como um ser passivo (MASCARELLO, 2004). Martin-Barbero (1995) considera que não se deve desligar o estudo da recepção dos processos de produção não sendo possível compreender o que o espectador faz sem levar em conta a forma como a produção se organiza. Não devemos nem considerar que o emissor é o único responsável pela construção de sentidos, nem que o receptor tem a liberdade de entender como quiser a mensagem.

Segundo Ellsworth (2001), os filmes, assim como as cartas, são endereçados a alguém, e esse endereçamento ocorre entre o texto e os usos que o espectador faz dele. Contudo, o espectador nunca é exatamente quem “o filme” pensa que ele é. Os espectadores reais sempre poderão ler o filme a

partir de uma percepção diferenciada do seu modo de endereçamento, ou até mesmo contrária, respondendo aos filmes de formas diferentes daquela idealizada pelo produtor.

Sobre esse assunto, Bastos (2014) afirma que precisamos entender como a experiência prévia do aluno interfere na sua leitura do audiovisual, considerando que suas preferências e resistências podem ser evidenciadas durante a exibição de um vídeo. Sobre os papéis desempenhados pelos espectadores, podemos destacar os trabalhos de Hall (2003), Schrøder (2000) e Odin (2005). Hall (2003) demonstra a relação circular entre a produção e a recepção de uma mensagem através do modelo de codificação/decodificação, ressaltando a articulação entre esses dois momentos, que são interligados e se retroalimentam.

Hall (2003) chama de significado preferencial a forma como o emissor da mensagem deseja ser compreendido. Embora se trate de uma tentativa de hegemonizar a compreensão do espectador, não é possível ao produtor conter totalmente a polissemia da leitura. Odin (2005) afirma que não é possível inferir, da análise do texto, a interpretação que será feita pelo público. No nível da decodificação, o espectador sempre poderá compreender a mensagem de outra forma, o que não significa que a mensagem de um texto seja infinitamente aberta a qualquer interpretação, já que há elementos internos que direcionam essa significação. Desta forma, podemos dizer que se o significado preferencial é o sentido determinado pelo produtor, a leitura preferencial seria a que está de acordo com a orientação hegemônica inscrita no texto da mídia (SCHRØDER, 2000).

O autor descreve três posições de leitura, que se relacionam a como o espectador apreende o que ele entende como o significado preferencial da obra:

- leitura dominante: posição de transparência ideal e de equivalência perfeita entre o momento de produção da mensagem e sua leitura. Corresponde ao significado preferencial idealizado pelo emissor.
- leitura de oposição: aquela que retira do texto um sentido oposto ao que foi pretendido pelo seu emissor.
- leitura negociada: aquela que se coloca entre as posições anteriores. É, provavelmente, a forma de leitura mais realizada. A maioria das pessoas nunca está totalmente de acordo com o significado preferencial e nem é totalmente contrária a ele.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa qualitativa e empírica, analisando de forma conjunta os polos de produção e recepção em relação à leitura de um vídeo produzido por alunos do ensino médio de uma escola pública no Rio de Janeiro.

Os alunos foram capacitados para a produção de um roteiro e para a utilização dos conceitos de endereçamento e significado preferencial. Foi solicitado a eles que endereçassem a produção de vídeo à comunidade escolar, com total liberdade de formatos de produção. A duração do vídeo foi restrita a 5 min. O tema escolhido pelos estudantes foi o “Movimento Antivacina e suas consequências”. Eles foram orientados a produzir um vídeo autoexplicativo e capaz de facilitar a compreensão do tema, obedecendo a uma sequência lógica e apresentando clareza nas formas de linguagens, além de usar recursos estéticos, narrativos e dramáticos que buscassem incluir o público, considerando sua diversidade.

A análise filmica do vídeo foi feita de acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2012) e Pereira (2013) buscando compreender o endereçamento da obra e os seus significados preferenciais. Para analisar um filme, de acordo com esses autores, é necessário decompô-lo em seus elementos constitutivos para depois reconstruí-lo. A desconstrução equivale à descrição e a reconstrução corresponde à interpretação do filme, possibilitando a inferência sobre os significados preferenciais pretendidos pelo autor. Para estudar a recepção, referenciamos no modelo de Hall (2003).

Foi realizada uma sessão de exibição do vídeo produzido para um grupo do público endereçado. Dezenove espectadores (não-produtores) responderam a um questionário de avaliação, contendo três questões fechadas sobre o papel do espectador na comunidade escolar em questão, seu gênero e raça, com o intuito de caracterizar a amostra. Há também seis questões abertas com objetivo de conhecer a abrangência das respostas a respeito da satisfação do espectador em relação a diferentes aspectos vídeo exibido, assim como sua possível identificação com os personagens e/ou situações por eles vividas no enredo, além de uma que buscava identificar a posição de leitura do espectador em relação ao significado preferencial da obra. Ao final, o questionário contém 12 questões fechadas sobre aspectos técnicos da produção.

Resultados e Discussão

Análise Fílmica

O vídeo, com duração de 5min, foi produzido por um grupo de alunos do segundo ano do ensino médio e fala sobre como uma *fake news* que incentiva a não-vacinação de crianças pode provocar mortes e alterar trajetórias de vida. Trata-se de um curta metragem no qual um casal de namorados adolescentes, Isabel e Augusto, descobrem que terão um bebê no ano em que fariam o ENEM. Durante o pré-natal, a gestante é informada pelo médico que a criança deve iniciar a vacinação logo após o nascimento. Todavia, após o parto, em sua casa, ela ouve de seu marido que a criança não deveria ser vacinada, segundo uma orientação de seu sogro, que lhe encaminhara uma mensagem que associava a vacinação de bebês ao desenvolvimento de um quadro do espectro autista. Tal mensagem seria pautada em uma pesquisa realizada pelo influente Olavo de Carvalho, logo deveria ter credibilidade. Doze anos depois, a filha do casal desenvolve sarampo e morre e o casamento chega ao fim. Então, Isabel resolve retomar os estudos, torna-se médica e pesquisadora. Como desfecho da história, ela inaugura uma fundação com o nome de sua filha, com o intuito de evitar que outras mães passem pelo seu sofrimento.

Em relação às marcas formais, o primeiro plano do filme se passa no tempo presente, e é um preâmbulo narrado em *off* pela personagem principal, uma narradora justadieética, uma vez que o personagem é diegético, mas a voz não se mostra no ato de contar. Após a exibição do título do vídeo, são retroagidos cerca de 13 anos, até o momento em que a personagem Isabel comunica a Augusto que está grávida. Na sequência, a legenda "*Alguns meses depois*" é exibida em tela preta indicando passagem de tempo, então Isabel surge, ao fim da gestação, durante uma consulta pré-natal. Em um novo plano, agora na residência do casal, eles conversam sobre vacinar ou não a criança recém-nascida. Referências ao cotidiano dos jovens da atualidade são feitas nesse momento, com citações do uso das redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*) como meio de propagação de informações. Esse trecho alerta o espectador sobre possíveis consequências das *fake news*, mostrando que, uma vez disseminadas por "adultos confiáveis", como o pai do personagem ou uma figura influente no cenário político, elas podem adquirir "ar de verdade" e induzir jovens ingênuos a erros como a não vacinação de seus bebês, permitindo o retorno de doenças anteriormente

erradicadas. Outras passagens de tempo e entradas em *off* da narradora aparecem no vídeo.

Elementos como a encenação e a edição de som deixam transparecer o amadorismo da produção estudantil, assim como observado por Pereira, Rezende Filho e Pastor Júnior (2014).

As características como a escolha de um casal adolescente como protagonistas, a atribuição da culpa da distribuição da *fake news* a adultos, a preocupação em relação ao ENEM e a encenação de uma gravidez na adolescência sugerem que houve um esforço de endereçar o vídeo ao público jovem da comunidade escolar. Esse esforço pode ser observado no roteiro do vídeo, onde se lê: "*O intuito deste curta é promover a conscientização da comunidade (...), tendo como enfoque os discentes, a respeito das consequências do movimento anti-vacina*".

Elementos presentes na narrativa indicam que a construção do personagem Isabel, uma jovem negra e suburbana, que se vê grávida no ano que faria o ENEM e vê sua filha morrer após contrair sarampo, apresenta uma "jornada do herói", já que ela surge no final do conflito como uma mulher adulta, graduada, confiante e bem-sucedida. Esse fato sugere um endereçamento mais específico para as adolescentes do sexo feminino ao se identificarem com essa personagem. Já o personagem masculino é ingênuo e acredita, sem questionamentos, em *fake news* sobre possíveis prejuízos causados pela vacinação, e parece não ser esperado que os estudantes-espectadores se identifiquem com ele.

Com base no exposto, sugerimos que o significado preferencial da obra é o de que mensagens de *WhatsApp* não são uma fonte confiável de informações científicas e que a não-vacinação de crianças pode levar a morte.

Estudo de Recepção

O vídeo foi exibido durante uma mostra de filmes para a comunidade escolar. Após a exibição, os espectadores não- produtores presentes na sessão responderam a um questionário. O grupo era formado por 18 estudantes e um funcionário, dez indivíduos brancos e nove negros, dez eram mulheres e a maioria dos sujeitos da pesquisa eram menores de 18 anos.

Em relação à questão "Destaque os pontos positivos e pontos negativos do vídeo que chamam a sua atenção", a maioria dos espectadores sinalizou positivamente a escolha do tema e a construção do roteiro. Como ponto negativo, a palavra "áudio" surge seis vezes entre as respostas, como podemos observar nas respostas a seguir:

O áudio não é muito bom, mas o roteiro é bem construído e a ideia proposta no vídeo é de fácil entendimento. (Espectador 4)

Gostei da qualidade da imagem e do roteiro original, de como a mensagem foi transmitida. Achei o áudio brevemente atrasado. (Espectador 7)

Sobre a questão “Se você fosse produzir esse vídeo você faria algo diferente? O quê/Como?”, sugestões de melhoria do áudio ou outros aspectos técnicos aparecem cinco vezes. Outros espectadores afirmam que não modificariam nada e ainda há aqueles que acrescentariam ao vídeo mais detalhes sobre a doença manifestada pela personagem que morre ou acrescentariam mensagens de **WhatsApp** ilustrando a recomendação de não-vacinação.

A maioria dos espectadores respondeu negativamente à questão “Você se vê (se identifica) em algum personagem ou situação ocorrida no vídeo? Caso você tenha se reconhecido, explique o motivo”. Alguns afirmaram se identificar com a mãe representada e um espectador informou que já recebeu, via **WhatsApp**, uma *fake news* sobre não-vacinação.

Sim. Com a mãe pelo fato de ter ouvido a informação do médico, mas se deixou levar pela ideia do marido. (Espectador 16)

Não me identifiquei com ninguém, mas gostaria de destacar um personagem: a mãe. Ela superou a morte da filha e faz o máximo para que não aconteça a mesma coisa com outras mães. (Espectador 7)

Já recebi mensagens nas redes sociais sobre vacinas que não eram para tomar sem base científica para afirmar. (Espectador 15)

Sobre a questão “Algum trecho, ou algum elemento (imagens, músicas, falas) do vídeo te emocionaram, despertando em você sentimentos como raiva, alegria humor, empatia? Por quê?”, apenas três espectadores homens afirmaram não se emocionar durante a exibição do vídeo, e nove espectadores – apenas cinco mulheres – descreveram sua emoção em relação à personagem Isabel, o que parece contraditório em relação às respostas da questão anterior.

Empatia, pois a personagem Isabel, se deixa levar por uma mentira e acaba sofrendo as consequências. (Espectador 9)

Quando ela diz que “está grávida” deixo uma curiosidade para saber qual seria a reação do pai. (Espectador 11)

O trecho final me emocionou, pois a superação da menina que perdeu seu filho e soube usar isso a seu favor, realmente, é forte e emocionante, até mesmo alegre. (Espectador 19)

Em relação à questão “O que você pode dizer que entendeu ao assistir esse filme?”, as respostas dos espectadores estiveram em concordância com o significado preferencial proposto, como podemos observar a seguir, indicando que eles realizaram uma leitura dominante do texto fílmico.

Que nem toda informação compartilhada é verdadeira.
(Espectador 2)

Que a vacinação é de extrema importância para a saúde das pessoas e que circulam diversas “fake news” sobre o assunto na internet. (Espectador 7)

Considerações Finais

Ao retomarmos nossas perguntas norteadoras, podemos dizer, sobre a construção do endereçamento do vídeo para um público amplo, que trabalhar com a temática de *fake news* recebidas pelo *WhatsApp* foi uma boa estratégia. Jovens e adultos, em geral, poderiam se lembrar das *fake news* divulgadas nos últimos meses e, portanto, ainda que de forma inconsciente, saberiam que esse vídeo fala com todos eles. Já a respeito dos grupos e identidades incluídos ou excluídos, entendemos que houve uma preferência na inclusão de um grupo jovem e feminino, mas isso não significou a exclusão dos demais grupos presentes.

Todos os espectadores afirmaram que recomendariam o vídeo em questão para outras pessoas. Logo, entendemos que eles conseguiram se adaptar, não havendo rejeição à mensagem, o que pode ser observado nas respostas transcritas, que expressam uma leitura dominante do significado preferencial proposto, uma vez que a leitura realizada pelos espectadores está em concordância com o significado preferencial do texto, ocorrendo críticas apenas em relação a aspectos técnicos do vídeo. Dessa forma, este trabalho se presta a fazer um estudo introdutório do vídeo em questão e esperamos, em breve, realizar estudos mais detalhados sobre essas questões.

Referências

BASTOS, W. G. **A produção de vídeos educativos por alunos da Licenciatura em Biologia: um estudo sobre recepção fílmica e modos de leitura.** 2014. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia

Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.7-76.

GALVÃO C.; ALMEIDA P. Os Problemas socio-científicos e a formação científica dos cidadãos In: Encontro sobre Educação em Ciências através da Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas, Braga, CIEd – U Minho. **Atas...2013**.

HALL, S. Codificação/Decodificação. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, L. (Org.). Tradução: Adelaine La Guardia. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.

MASCARELLO. F. Os estudos culturais e a recepção cinematográfica: um mapeamento crítico. In: JACKS, N.; SOUZA, M. C. J. de (orgs). **Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 74-99.

PEREIRA, M. V. S. **Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio: estratégia de trabalho no laboratório de física**. Rio de Janeiro. 2013. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, M. V.; REZENDE FILHO, L. A. C.; PASTOR JUNIOR, A. A. Estudo de recepção de um vídeo sobre o funcionamento do motor elétrico produzido por estudantes do ensino médio. **Revista Ciências & Idéias**, v. 5, p. 156-174, 2014.

ODIN, R. A questão do público: uma abordagem semiopragmática. In: RAMOS, F. (org) **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Senac, 2005.

SCHRØDER, K. Making sense of audience discourses: towards a multidimensional model of mass media reception. **European Journal of Cultural Studies**, v. 3, n. 2, p.233–258, 2000.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7º Ed. - Campinas: Papyrus, 2012, 4º reimpressão 2016.